

Literatura: este lugar intralingüístico

Sônia Queiroz*

Resumo

Os estudos lingüísticos e literários vêm se desenvolvendo na contemporaneidade por grupos e pensamentos desagregados, o que está claramente representado na organização do conhecimento por áreas e subáreas em vigor no CNPq, assim como na contratação de professores do ensino superior. Essa desagregação no âmbito da pesquisa e do ensino não corresponde de modo algum aos usos da linguagem humana, em que se mesclam funções pragmáticas, lúdicas e estéticas. No que tange especialmente à função poética da linguagem, observa-se, de modo significativo na produção literária do século XX, que a língua é não só matéria-prima como também tema sobre o qual se debruçam os escritores, numa relação complexa de amor e rebeldia. Assim percebida, a arte verbal é antes de tudo trabalho lingüístico, e o grau de consciência do embate com o sistema parece se configurar como medida do grau de poeticidade do texto.

Palavras-chave: Arte verbal; Lingüística; Poética; Função poética; Metalinguagem.

Os estudos lingüísticos e literários vêm se desenvolvendo na contemporaneidade por grupos e pensamentos desagregados, o que está claramente representado na organização do conhecimento por áreas e subáreas em vigor no CNPq, assim como na contratação de professores do ensino superior. Assim, a grande área Lingüística, Letras e Artes se subdivide em três áreas que separam a Lingüística – os estudos sobre a linguagem verbal – dos estudos literários – representados pelas subáreas Teoria da Literatura, Literatura Brasileira, Outras Literaturas Vernáculas e Literaturas Estrangeiras (que, juntamente com os estudos das línguas particulares – o português, as línguas estrangeiras modernas, as clássicas e as línguas indígenas – constituem a área de Letras). No ensino

* Universidade Federal de Minas Gerais.

universitário, a separação parece radicalizar-se ainda mais, e observa-se que, quanto mais alto o nível de qualificação dos docentes, menos eles se sentem à vontade para transitar pelos estudos sobre a linguagem verbal e suas manifestações artísticas. Percebo aí não só a dificuldade de se pôr em prática a transdisciplinaridade, mas, ainda, o predomínio de um conceito de língua desumanizado e enrijecido, que parece priorizar quase com exclusividade sua função pragmática, relegando a segundo plano ou até mesmo desprezando sua função lúdica e estética. Consequência lamentável dessa postura teórico-política é o ínfimo espaço que a criação literária em si mesma encontra em nossas universidades, onde quase não se ouve um poema em voz alta, a leitura de um conto ou de trechos de romances, e são raros até mesmo comentários informais sobre leituras literárias. Reina quase absoluto o discurso científico – claro, objetivo, analítico, denotativo.

Essa desagregação no âmbito da pesquisa e do ensino não corresponde de modo algum aos usos da linguagem humana, em que se mesclam funções pragmáticas, lúdicas e estéticas. E é bom lembrar que a situação que acabo de descrever é contestada por vezes, e não apenas por poetas, como também por cientistas. Este é o caso, por exemplo, do lingüista russo Roman Jakobson, que, ao lado de obras sobre a linguagem infantil e afasia, ou *Lingüística Geral*, publica, ao longo de sua carreira, desde os 22 anos de idade, uma série de textos teóricos e críticos sobre a literatura (escrita e oral),¹ a pintura, a música e o cinema (e a inter-relação entre diferentes linguagens artísticas e também entre seus estudos).² Boa parte desses estudos com os quais Jakobson demonstra a viabilidade da interlocução entre os estudos lingüísticos e literários foi reunida por Todorov no volume intitulado **Questions de poétique**, publicado em Paris, em 1973. A segunda parte dessa coletânea é radical: organiza-se sistematicamente em torno do tema “poesia da gramática, gramática da poesia”, reunindo quatro estudos teóricos seguidos da análise de dez poemas, feita com o método desenvolvido por Jakobson entre 1961 e 1972. No “Postscriptum” ao livro, escrito em 1973, retomando e desenvolvendo posições teóricas defendidas em conferências proferidas no Col-lège de France no ano anterior, Jakobson afirma categoricamente que “a ciência da linguagem (...) não tem o direito de negligenciar a ‘função poética’ que se encontra co-presente na fala de todo ser humano desde a primeira infância e que desempenha um papel essencial na estruturação do discurso”. Por outro lado, lem-

¹ Vale mencionar aqui o texto que se tornou um clássico dos estudos da literatura oral popular, escrito em colaboração com Petr BOGATYREV: *Die Folklore als eine besondere Form des Schaffens (Datum Natalicium Schrijnen*, Nimègue-Utrecht, 1929, p. 900-913). [O folclore como forma específica de criação].

² Cf., por exemplo: *Musikwissenschaft und Linguistik* (Prager Presse, 7/12/1932); *On Visual and Auditory Signs* (Phonetica, n. 2, 1969). [Musicologia e Lingüística; Sobre os signos visuais e auditivos].

bra ele, “qualquer pesquisa em matéria de poética pressupõe uma iniciação à ciência da linguagem, pois a poesia é uma arte verbal e é, pois, o emprego particular da língua que ela implica em primeiro lugar” (JAKOBSON, [198-?], p. 485; tradução minha). Denuncia, assim, como preconceituosa a atitude de certos críticos literários que impõem restrições à Lingüística quanto ao estudo das formas verbais relacionadas às suas funções ou limitam a análise lingüística à função denotativa ou referencial da linguagem. Outro preconceito, que ele atribui ao desconhecimento das novas tendências da Lingüística, como a Análise do Discurso: a idéia de que os estudos lingüísticos limitam-se ao nível da frase, o que tornaria o lingüista incapaz de analisar a composição de poemas.

No texto “Lingüística e Poética”, publicado pela primeira vez em inglês, em 1960 (na coletânea **Style in language**, organizada por A. Sebeok), e traduzido no Brasil nove anos depois, na coletânea **Lingüística e comunicação**, Jakobson já defendia o caráter científico da Poética, que, no seu entendimento, é um ramo da Lingüística, a qual deve compreender todas as manifestações da linguagem verbal:

A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Lingüística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Lingüística. (...) Ouvimos dizer, às vezes, que a Poética, em contraposição à Lingüística, se ocupa de julgamentos de valor. Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea, do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal: afirma-se que estas se opõem, mercê de sua natureza “casual”, não intencional, à natureza “não casual”, intencional, da linguagem poética. De fato, qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam e a conformidade dos meios utilizados com o efeito visado é um problema que preocupa permanentemente os investigadores das diversas espécies de comunicação verbal. Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que supõem os críticos, entre o problema dos fenômenos lingüísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários. (...)

A insistência em manter a Poética separada da Lingüística se justifica somente quando o campo da Lingüística pareça estar abusivamente restringido, como, por exemplo, quando a sentença é considerada, por certos lingüistas, como a mais alta construção analisável, ou quando o escopo da Lingüística se confina à gramática ou unicamente a questões não-semânticas de forma externa ou ainda o inventário dos recursos denotativos sem referência às variações livres. (JAKOBSON, 1969, p. 119-122)

Ao final do texto, Jakobson critica duramente aqueles que resistem à inclusão dos textos literários no âmbito dos estudos lingüísticos:

Se existem alguns críticos que ainda duvidam da competência da Lingüística para abarcar o campo da Poética, tenho para mim que a incompetência poética de alguns lingüistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência lingüística. (...) Um lingüista surdo à função poética da linguagem e um

especialista de literatura indiferente aos problemas lingüísticos e ignorante dos métodos lingüísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos. (JAKOBSON, 1969, p. 162)

A biografia de Jakobson ajuda-nos a compreender sua postura teórica: “A poesia foi a minha primeira paixão”, declara em seus **Diálogos** autobiográficos com a mulher Krystyna Pomorska, publicados no Brasil em 1985. E acrescenta: “Desde o começo, o fato de escrever versos e o estudo da arte poética foram, para mim, inseparáveis” (JAKOBSON & POMORSKA, 1985, p. 12). Ele próprio escreveu e publicou, na juventude, poemas experimentais “transracionais”.³ Aos 19 anos participou ativamente da fundação do Círculo Lingüístico de Moscou, cujas primeiras comunicações, segundo afirma ele próprio nos **Diálogos**, “foram dedicadas justamente à linguagem poética” (JAKOBSON & POMORSKA, 1985, p. 19-20). Onze anos mais tarde participou também da fundação do Círculo Lingüístico de Praga. Nos dois grupos, comenta ele na “Apresentação” dos seus **Selected writings**, os pesquisadores aprendiam com os poetas. Em especial, diz ele, as experimentações de Klebnikov foram essenciais para suas releções sobre a “complexa anatomia da palavra” (JAKOBSON, **Selected writings**, v. 2, p. VI, *apud* JAKOBSON, 1987, p. 3).

Finalmente, o título de seu último livro – **Verbal art, verbal sign, verbal time** –, publicado em inglês em 1985 (dois anos após sua morte), reafirma sua convicção nos fortes laços que unem a teoria lingüística e a arte verbal, como ele sempre preferiu designar a literatura.

Por esse seu grande empenho nos estudos interdisciplinares e na vinculação entre Poética e Lingüística, Jakobson foi chamado, por Haroldo de Campos, “o poeta da Lingüística”, o que aponta para a singularidade de sua postura no meio acadêmico-científico. Mas, felizmente, ele não está só.

Paul Zumthor, conhecido sobretudo como filólogo medievalista, ao perceber, nos manuscritos, evidências da vocalidade da poesia medieval, dedica-se intensamente à formulação das bases para uma ciência da voz, que ele assim concebe em seu livro **Introdução à poesia oral**, publicado pela primeira vez em francês, em 1983, um ano após a morte de Roman Jakobson:

É estranho que, entre todas as nossas disciplinas instituídas, não haja ainda uma ciência da voz. Esperemos que ela se forme em breve: Ela traria para o estudo da poesia oral uma base teórica que lhe falta. Abarcaria, pois, para além de uma Física e de uma Fisiologia, uma Lingüística, uma Antropologia e uma História. O som – elemento o mais sutil e mais maleável do concreto – não constituiu e ainda não constitui, no futuro da humanidade como do indivíduo, o lugar do encontro ini-

³ Os poemas foram publicados sob o pseudônimo de Aljagrov, em 1915, em Moscou, no livro **Zaúmnaiá gniga**. (Cf. JAKOBSON, 1987, p. 2, ou JAKOBSON & POMORSKA, 1985, p. 17).

cial entre o universo e o inteligível? Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência. Lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... como o atestam tantas lendas sobre plantas e pedras enfeitadas que, um dia, foram dóceis. (ZUMTHOR, 1998, p. 11)

Note-se que Zumthor, que foi também poeta, permite que o discurso teórico seja traspassado pelo discurso poético e sugere, para dar conta da poesia oral, talvez uma “transciência”, para além dos princípios da Lingüística...

Quero lembrar, finalmente, outro artista da palavra que, se nunca fez versos (não que eu saiba), sem sombra de dúvida sempre fez poesia (em sentido amplo): o ensaísta francês Roland Barthes (1978), que, desde suas primeiras publicações, militou pela escritura – esse texto em que o sujeito enfrenta a arbitrariedade, ou mesmo (para usar um termo do próprio Barthes) o caráter fascista da língua (p. 14). Em sua célebre aula inaugural no Collège de France, em 1977, onde cinco anos antes Jakobson levantava questões em torno das relações entre gramática e poesia (Cf. JAKOBSON, [198-?], nota à p. 504), Barthes (1978) menciona o pesquisador russo para nos lembrar que “um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer” (p. 12-13). A liberdade, diz ele, não podemos encontrá-la fora da língua, porque, “infelizmente, a linguagem humana é sem exterior”. Portanto, “só nos resta (...) trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapassa salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem”, ele a chama: literatura. E por literatura entende essencialmente o texto, definido como “o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto – ele conclui – é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada” (BARTHES, 1978, p. 16-17).

Observa-se, de modo significativo na produção literária do século XX, que a língua é não só matéria-prima como também tema sobre o qual se debruçam os escritores, numa relação complexa de amor e rebeldia. Assim percebida, a arte verbal é antes de tudo trabalho lingüístico, e o grau de consciência do embate com o sistema parece se configurar como medida do grau de poeticidade do texto. “Bom é corromper o silêncio das palavras”, declara o poeta Manoel de Barros na abertura do segundo poema do seu **Retrato do artista quando coisa** (BARROS, 1998, p. 13). E segue transgredindo os limites das práticas discursivas, pelas quatro estrofes seguintes – numeradas e escritas na forma de verbetes de um suposto glossário – transmutando as palavras de uma a outra categoria gramatical, a cada abertura:

1. Uma rã me pedra. (...)
2. Um passarinho me árvore. (...)

3. Os jardins se borboletam. (...)
4. Folhas secas me outonam (...)

E prossegue trapaceando a língua, corrompendo a semântica, brincando com a sintaxe, no corpo das estrofes-verbetes:

(...) (A rã me corrompeu para pedra. Retirou meu limites de ser humano e me ampliou para coisa. A rã se tornou o sujeito pessoal da frase e me largou no chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades)

(...) (O passarinho me transgrediu para árvore. Deixou-me aos ventos e à chuvas. Ele mesmo me bosteia de dia e me desperta nas manhãs.)

(...) (Significa que os jardins se esvaziaram de suas sépalas e de suas pétalas? Significa que os jardins se abrem agora só para o buliço das borboletas?)

(...) (Folhas secas que foram o chão das tardes me transmudaram para outono? Eu sou meu outono.)

No verso final, o poeta confessa sua transgressão maior: o amor à palavra, que ele quer fazer falar para além da sintaxe corrente, do senso comum, aquém do silêncio imposto pela língua. Subvertendo a ordem das partes de um livro, o poeta-lingüista, também autor da **Gramática expositiva do chão**, encerra seu poema-glossário com um verso-epígrafe em que declara sua preferência pelas viagens que lhe proporcionam a transmutação de ser a coisa, de sujeito a chão – as viagens intralingüísticas:

Gosto de viajar por palavras do que de trem.

Résumé

Les études linguistiques et littéraires contemporaines sont développées par des groupes des chercheurs et par des pensées écartées, ce qui est nettement représenté par la forme fragmenté dont les organismes gouvernementaux, comme le CNPq, au Brésil, organisent le savoir en catégories et sous-catégories, aussi bien que dans les critères utilisés pour contracter des professeurs universitaires, qui séparent les linguistes des spécialistes em Littérature. Cette désagrégation dans les champs de la recherche scientifique et de l'éducation supérieure ne correspond pas du tout aux usages du langage humaine, où se mêlent des fonctions pragmatiques, ludiques et esthétiques. Surtout en ce qui concerne la fonction poétique du langage, on peut percevoir, de façon significative dans la production littéraire du XX^{ème} siècle, que la langue n'est pas seulement la matière première, mais aussi bien elle est le sujet sur quoi travaillent les écrivains, qui maintiennent avec elle un rapport complexe d'amour et litige. À cet égard, l'art verbal est avant tout un travail linguistique, et le niveau de conscience du conflit entre l'écrivain et le système linguistique semble configurer une mesure du niveau poétique du texte littéraire.

Mots-clé: Art verbal; Linguistique; Poétique; Fonction poétique; Métalangage.

Referências

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- JAKOBSON, Roman. **Questions de poétique**. Paris: Seuil, [198-?].
- JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman. **Language in Literature**. London: Harvard University Press, 1987.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Poética**. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. p.118-162.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida e Maria Lucia Diniz Pochat. São Paulo: Hucitec, 1998.